

## RESENHAS

### REDES INVISÍVEIS: AS FACES SINUOSAS DA MÍDIA

Carolina Marback B. de Souza\*

*“... A humanidade caminhou milhões de anos para voltar ao ponto de partida. Começou magnetizada pelos desenhos nas paredes de cavernas e terminou diante das figuras de alta definição nas paredes onde se embutem os aparelhos de televisão.”*

Roberto Pompeu de Toledo, 1998

#### RESUMO

O presente trabalho apresenta-se sob forma de resenha do livro intitulado ‘Sobre a Televisão’, de autoria do sociólogo francês Pierre Bourdieu. O autor desvenda as estruturas de manipulação da mídia, em especial as do meio televisivo, que implicam em ameaças políticas à vida em sociedade.

**Palavras-chave:** Opressão simbólica; censura; mídia; sanções econômicas.

Neste final de século, marcadamente caracterizado pela revolução circunscrita nos âmbitos da eletrônica e da informática, parece-nos cada vez mais categórico o mundo previsto nos anos 60 pelo pesquisador canadense Marshall McLuhan, que alertava para o fenômeno global descrito como “a dissolução da civilização fonético-literária”.

Em nossos dias, faz-se curioso também observar as facilidades cotidianas concendidas pela telemática e meios de comunicação que permeiam as relações sociais, mas que por outro lado denotam perigo à autonomia dos indivíduos, na medida em que simulam a realidade, tornando-a mais interessante ou real do que concretamente se configura.

A propósito do simulacro conferido aos acontecimentos, devido sobretudo à reprodução técnica do real, Bourdieu tece questionamentos sociológicos e políticos sobre as imagens e os sons, haja vista a televisão ter se convertido em uma ferramenta de opressão simbólica, ao invés de representar um instrumento da democracia direta.

O livro analisado não se constitui em um arcabouço teórico bem definido; seus principais argumentos, elaborados através da experiência observável e fundamentados na ótica da sociologia, apresentam conteúdo de veemente denúncia social ao mundo da comunicação. No

---

\* Bacharelada do curso de Ciências Sociais da UNIFACS e membro integrante do Núcleo de Estudos Sociais da Cidade (CORDIS/UNIFACS).

entender do autor, esta ciência pode contribuir para minimizar a violência simbólica exercida em algumas das relações sociais, como aquela engendrada pela mídia.

Ao desmontar os mecanismos da televisão que representam ameaça à vida política, Bourdieu enumera como exemplo de alguns deles a censura presente na fala dos jornalistas, o curto tempo de duração dos debates exibidos, a hegemonia de assuntos fúteis em detrimento de informações instigantes ao exercício da cidadania, bem como os discursos xenófobos, racistas e nacionalistas emitidos em canais europeus. Sob seu ponto de vista, a televisão tem cada vez mais demarcado o mundo sociopolítico, pelo fato de deixar de ser um instrumento de registro para se tornar um meio de criação da realidade.

No que tange à avaliação das consequências negativas transmitidas em emissoras de TV, Bourdieu também menciona a postura de grande parte dos jornalistas, profissionais ludibriados pela falsa consciência de autonomia, que manipulam informações e imagens a serviço de interesses políticos e mercadológicos.

Contudo, em paralelo à idéia referente à condição subordinada dos jornalistas aos patrocinadores de programas, o que lhes valeu a denominação de marionetes; o autor reconhece que o desempenho deles não é por completo limitada. No âmbito do campo jornalístico, a importância de seus profissionais deve-se ao fato de deterem parte do monopólio sobre os instrumentos de produção e difusão das notícias, podendo, assim, influenciar e impor à sociedade algumas de suas visões de mundo, que nem sempre estão inteiramente atreladas ao mercado ou sob suas sanções.

Bourdieu acrescenta que o status representado na atividade da aparição pública não é apenas perseguido pelos jornalistas, e sim pelos filósofos da televisão e os *fast-thinkers*, ou seja, aqueles que consideram a razão como alimento cultural pré-digerido. Neste enfoque, para as pessoas que transitam na mídia impõe-se a seguinte questão existencial: “*Ser é ser percebido na televisão*”(BOURDIEU, 1997, p.16)

A aguda sensibilidade social deste sociólogo reconhece que a televisão é um indicador de mudanças comportamentais, que caracterizam a vida política do nosso tempo – protestos de diferentes grupos sociais, que antes eram realizados através de manifestações em praças públicas, passam isoladamente a serem feitos em veículos televisivos por um representante, que decerto deve possuir uma retórica que não se contraponha às expectativas das emissoras.

Ainda sobre transformações históricas observadas na TV, o autor reporta-se aos anos 50, a fim de melhor entender a atuação televisiva na década de 90. Ele defende, portanto, que a televisão no quinto decênio pretendia-se cultural, visto que utilizava de seu poder para divulgar documentários, adaptações de obras clássicas e debates culturais. Entretanto, o que hoje se configura é a apresentação de programas, como o *talk - show*, que exploram vivências pessoais e sentimentalismo exacerbado, tendências que levam à banalização dos expectadores. Outro importante aspecto abordado pelo autor refere-se à homogeneidade das informações noticiadas nos mais variados canais que concorrem entre si. A produção jornalística de um noticiário de TV, por exemplo, faz-se mediante a análise de outros tantos jornais televisivos, a fim de que se possa transformar o caráter corriqueiro do fato em algo extraordinário e, assim, se obter maiores índices de audiência. O que vigora, entretanto, é a exibição repetida dos mesmos acontecimentos através de formatos e estilos diferenciados. Neste sentido, Bourdieu defende que a lógica liberal não prevalece nos meios de comunicação, tendo em vista que a sua máxima - o monopólio uniformiza enquanto a concorrência diversifica - não caracteriza o produto final destes.

Em análise do uso do tempo na TV e suas implicações, o autor argumenta que a velocidade imposta pela busca ávida da novidade (furo jornalístico), assim como pela concorrência, tende a conferir ao espaço televisivo a falta de propensão ao pensamento crítico, fato que legitima em grande parte a reprodução de idéias feitas – aquelas que todos aceitam e, conseqüentemente, as que compactuam com a despolitização e o conformismo dos indivíduos.

Sob outro prisma, a abordagem de Bourdieu sobre a urgência da informação, leva-nos a entendê-la como um dos aspectos configuradores do nosso tempo, que converge para a aceleração da história. Esta perspectiva pode encontrar ressonância nos escritos de Walter Benjamin, que analisou a perda de referenciais do sujeito histórico como decorrência da informação, não perdendo de vista que esta colocou o imediato e o efêmero enquanto experiências espaciais / temporais hegemônicas.

Bourdieu considera que o poder simbólico exercido pela televisão, proveniente do fato de intermediar visivelmente as relações do mundo social, não se sustenta apenas por seu atributo de agente modelador de mentalidades, mas por manter influência sobre todos os outros campos da produção cultural, à exemplo dos literário, científico e jurídico. O autor, assim,

detém-se mais atenciosamente na investigação do universo científico, enquanto campo receptor das arbitragens e imposições da mídia, mencionando a mais nova tendência da comunidade científica, que tem atribuído importância à prática da expressão oral em meio televisivo por alguns dos seus atores sociais.

Este significativo trabalho de Bourdieu, que consistiu na transcrição de uma conferência de sua autoria em um canal de TV do *Collège de France* (oportunidade que lhe coube tempo desejado e escolha livre do tema), desvela as estruturas sutis de dominação da mídia. Suas críticas direcionam-se aos publicitários e patrocinadores televisivos, no momento em que defendem os índices de audiência enquanto símbolo democrático de uma opinião coletiva esclarecida, tornando supostamente os expectadores livres das sanções econômicas. Todavia, o autor conclui com um alerta incisivo que esses índices são consequências das pressões impostas pelo mercado, que encontra no *marketing* seu principal braço operador.

## **BIBLIOGRAFIA**

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Vol.1. São Paulo, Brasiliense, 1994. 253 p.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro, Zahar, 1997. 143 p.

MICELI, Sérgio. Um intelectual do sentido. **Folha de S. Paulo**, 07-02-1999, p.(6), c.(5).

PALÁCIOS, Marcos. Educação em tempo de videogame. **Revista da Faced**. out., 1994, p.63-69.

SILVA, Machado da J. A ciência do real. **Folha de S. Paulo**, 07-02-1999, p.(4-5), c.(5).

ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo, Ática, 1994, 191p.